

**PROJECTO FÉNIX**  
**MAIS SUCESSO**  
**PARA TODOS**

Memórias e dinâmicas de  
construção do sucesso escolar

Título	Projecto Fénix – Mais Sucesso para todos Memórias e dinâmicas de construção do sucesso escolar
Organização	Joaquim Azevedo José Matias Alves
Colaboradores	Ana Maria Reis, Carlos Alberto Graça Remédios, Cecília Simões, Clara Rodrigues, Conceição Barraca, Dores Leal, Helena Cura, João Simões, Júlio Castro, Luisa Tavares Moreira, Madalena Domingues, Marco Martins, Maria de Deus Gonçalves, Miguel Baptista, Paula Viterbo, Ricardo Brito, Ricardo Ferreira, Sónia Meireles, Susana Gregório, Teresa Helena, Teresa Pereira Coutinho
Direcção	José Matias Alves
Revisão editorial	Maria José Araújo
Coord. editorial	Duarte Ribeiro
Edição	Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2010
Execução gráfica	LabGraf
Depósito Legal	313096/10
ISBN	978-989-8151-17-9

Todos os direitos reservados  
Email: jalves@porto.ucp.pt

# PROJECTO FÉNIX MAIS SUCESSO PARA TODOS

Memórias e dinâmicas de  
construção do sucesso escolar

**Joaquim Azevedo**

**José Matias Alves** [Org.]

— |

| —

— |

| —

## ÍNDICE

<b>APRESENTAÇÃO</b>	7
Joaquim Azevedo	
<b>PARTE I</b>	11
<b>REFERENTES PARA PENSAR AS PRÁTICAS EDUCATIVAS</b>	
<b>COMO CONSTRUIR UMA ESCOLA DE QUALIDADE PARA TODOS, ONDE SE APRENDA MELHOR?</b>	13
Joaquim Azevedo	
<b>PROGRAMA MAIS SUCESSO ESCOLAR: UM DESAFIO NA AFIRMAÇÃO DA AUTONOMIA DA ESCOLA</b>	31
José L.C. Verdasca	
<b>PROJECTO FÉNIX E AS CONDIÇÕES DE SUCESSO</b>	37
José Matias Alves	
<b>MODELO DIDÁCTICO E A CONSTRUÇÃO DO SUCESSO ESCOLAR</b>	67
José Matias Alves	
<b>PROJECTO FÉNIX – UM PROJECTO DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: ESTUDO AVALIATIVO DA OPERACIONALIZAÇÃO E DO IMPACTO NO AGRUPAMENTO CAMPO ABERTO – BEIRIZ</b>	75
Luísa Tavares Moreira	
<b>PARTE II</b>	111
<b>NARRATIVAS DE PROFESSORES</b>	
<b>O GOSTO DE VIR À ESCOLA</b>	113
Dores Leal, Madalena Domingues, Paula Viterbo, Sónia Meireles e Ricardo Brito	

<b>PROJECTO FÉNIX: UMA MAIS VALIA PARA A ESCOLA</b> Teresa Helena	115
<b>TRABALHO DE EQUIPA E REFORÇO DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA</b> Equipa do Projecto do Agrupamento de Escolas José Afonso – Alhos Vedros	117
<b>UM PROJECTO EM QUE TODOS FICAM A GANHAR</b> Miguel Baptista e Clara Rodrigues	127
<b>RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE MAIS SUCESSO...</b> João Simões	129
<b>PROJECTO FÉNIX – UMA METODOLOGIA RUMO AO SUCESSO ESCOLAR</b> Ana Maria Reis e Cecília Simões	133
<b>POR UMA LIDERANÇA CRÍTICA E TRANSFORMADORA</b> Equipa do projecto do Agrupamento de Escolas de Vagos	149
<b>REFLECTIR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA</b> Conceição Barraca	159
<b>PROJECTO FÉNIX – A APRENDIZAGEM É UM PROCESSO DINÂMICO</b> Ricardo Ferreira	173
<b>PROGRAMA MAIS SUCESSO ESCOLAR: CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO FÉNIX</b> Maria de Deus Gonçalves	187
<b>PROJECTO + SUCESSO ESCOLAR: CONHECER VIEIRA, SEGUIR VIEIRA</b> Teresa Pereira Coutinho	199
<b>INTERVENÇÃO DA EQUIPA DE ACOMPANHAMENTO, MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO, AMA-FÉNIX, NO ÂMBITO DO PROGRAMA MAIS SUCESSO ESCOLAR. O Primeiro Ano de Implementação Nacional do Projecto Fénix</b> Luisa Tavares Moreira e Marco Martins	241

# MODELO DIDÁCTICO E A CONSTRUÇÃO DO SUCESSO ESCOLAR

JOSÉ MATIAS ALVES<sup>1</sup>

Sabe-se que a construção do in/sucesso escolar mobiliza um alargado conjunto de variáveis (Formosinho: 1998; Pires:2000). Nesta secção quero centrar-me na importância do modelo didáctico, recorrendo à observação empírica em diversas aulas<sup>2</sup> e ao suporte de investigação já realizada.

Por modelo didáctico entendo a *gramática* que se gera em torno do triângulo pedagógico (Nóvoa: 1995<sup>3</sup>) constituído pelo *programa, professor e aluno*. Neste triângulo, o professor é percebido, sobretudo, como um gerador de oportunidades de aprendizagem junto de cada um dos alunos, servindo o programa como referência e os alunos fonte, destinatários e sujeitos de aprendizagem. Como tese central, afirma-se que a eficácia da acção docente (e discente) se deve a um alargado conjunto de características do modelo didáctico que se reúnem na acção, a saber:

## **Relação pedagógica**

A relação pedagógica<sup>4</sup> é um dos preditores mais poderosos do sucesso escolar. Muito do êxito dos alunos passa pela relação (pela interacção) mantida com o professor.

Nesta categoria destaque para a manifestação recorrente de que os alunos são capazes, para o recurso sistemático ao *feedback*, para elogio quando há motivos para tal (*muito bem, és capaz, tu sabes, parabéns, etc.*), elevação de expectativas, rigor e exigência... Em suma, uma relação pedagógica que implica os alunos no trabalho e não os deixa ser espectadores, que não lhes dá descanso, que acredita que todos podem aprender

<sup>1</sup> Faculdade de Educação e Psicologia. Universidade Católica Portuguesa.

<sup>2</sup> Nomeadamente aulas de Matemática e Português realizadas no ano lectivo 2009/2010.

<sup>3</sup> Nóvoa, António. O lugar dos professores: o terceiro excluído? [http://www.apm.pt/apm/revista/educ50/educ50\\_3.htm](http://www.apm.pt/apm/revista/educ50/educ50_3.htm), consulta de 18 de Maio de 2010

<sup>4</sup> <http://terrear.blogspot.com/search?q=rela%C3%A7%C3%A3o+pedag%C3%B3gica> consulta de 22 de Maio de 2010

(ainda que com graus de mestria diferenciados), que acompanha, estimula, faz perceber e evoluir.

### **Movimento docente no espaço aula**

Porque a aula está centrada quase sempre nos alunos, nas suas actividades de treino, aplicação, recriação, a disposição do professor é o movimento na sala de aula para acompanhar, compreender as dificuldades, explicar, elucidar, apoiar, estimular. Esta proximidade, esta atenção desempenha, em regra, um papel crucial na monitorização das aprendizagens e na activação da avaliação formativa.

### **Linguagem e linguagens**

A linguagem verbal desempenha um papel importante pois é o principal veículo de transmissão de conhecimentos e de comunicação. Como traços relevantes, destaque para o rigor, a acessibilidade e interactividade. O recurso ao universo lexical dos alunos para os concentrar e os convocar para a aprendizagem... é, por vezes, de grande importância. Mas todas as outras linguagens são também de considerar e usar: a linguagem gestual, a linguagem do olhar, a linguagem corporal, a linguagem do silêncio. Os ritmos, as pausas, as suspensões são elementos chave de uma *dramatização* que a aula deveria aspirar a ser. A este propósito vejam-se algumas ilustrações em filmes marcantes e que podem ser convocados para observar esta dinâmica<sup>5</sup>.

### **Tempo em tarefa**

O tempo é, como se sabe, uma variável fundamental da aprendizagem. Sem tempo não há aprendizagem. É, por isso, fundamental, que os alunos ocupem o tempo reflectindo, interagindo, produzindo, trabalhando. As aulas são, para alguns alunos, tempos perdidos. Porque a tarefa nada lhes diz, porque não “querem” aprender, porque não vêem a utilidade pessoal e social. Ou porque não são convocados para agir em contexto de sala de aula.

<sup>5</sup> Designadamente os filmes *Clube dos Poetas Mortos* e *Professores (Teachers)*.

Por outro lado, sabe-se que os ritmos de aprendizagem não são todos iguais. Daqui decorre a necessidade de abandonarmos a ficção de “dar o mesmo a todos no mesmo *tempo*”. Este abandono só se materializa se formos proporcionando tempo diferenciado para a realização das tarefas (mesmo as que se realizam no campo da avaliação<sup>6</sup>).

### **Acompanhamento individual da ‘produção do alunos’**

Numa aula em que os alunos podem estar a realizar tarefas diversas (individualmente, em pares, em pequenos grupos) o papel do professor é de monitorizar, pilotando as actividades que os alunos realizam e fornecendo *feedback* frequente (seja para corrigir, seja para estimular, seja para reconhecer e celebrar). Este acompanhamento faz do professor um *gestor de actividades de aprendizagem*, um *treinador*<sup>7</sup> que promove destrezas, competências e capacidades cognitivas, atitudinais e comportamentais.

### **Disponibilização de materiais específicos e diversificados**

A diferenciação de tempos, métodos e dispositivos pressupõe a mobilização de material diverso – fichas de “questões-aula”, fichas de trabalho, desafios, enigmas, roteiros de observação de trabalho experimental, listas de verificação, registos áudio e vídeo... – que se constitua como banco de recursos para as aprendizagens. A biblioteca e o Centro de Recursos estão, certamente, organizados para apoiar projectos de diferenciação pedagógica e os Departamentos podem também organizar-se para reunir e produzir materiais didácticos por anos de escolaridade, temáticas e/ou níveis de proficiências. Para que isto aconteça (e para eu seja mobilizável para os contextos de aula parece imprescindível que os professores dediquem a maior parte do *tempo de escola* ao trabalho colaborativo de produção e partilha de materiais.

<sup>6</sup> Questão complexa, a de permitir que os alunos tenham tempos diferenciados para a realização de testes (ou trabalhos) de avaliação. Mas uma prova não deve ser uma corrida de obstáculos. A igualdade formal esconde muitas as desigualdades reais. É por isso educacionalmente defensável que os alunos possam ter tempos diversos para a realização de provas.

<sup>7</sup> Conferir <http://terrear.blogspot.com/2010/04/o-professor-como-treinador-e-avaliacao.html>, consulta de 18 de Maio de 2010

### **Implicação dos alunos em desafios e tarefas significativas**

Já se valorizou a importância da participação e implicação dos alunos nas tarefas de aprendizagem. Mas é também necessário que as tarefas tenham sentido e significado para os alunos concretos que temos nas aulas (Trindade e Cosme, 2010). A ligação à vida pessoal e social, a empregabilidade social dos saberes (Pires: 2000) curricularmente prescritos são operações que podem ser de largo alcance e impacto educativo, evitando-se o tédio, a desvinculação e o alheamento.

### **Nível de exigência**

Qual deve ser o nível de exigência do professor face aos alunos da turma A, B, C... de determinado ano? Como se afere a exigência dentro da mesma disciplina/ano? Qual (ou quais) as referências orientadoras? Devo dizer que não há respostas únicas para estas questões. Sugiro, no entanto, um caminho: se a função primeira do professor é fazer aprender o aluno (todos os alunos, na medida máxima possível), são as aprendizagens que ele realiza que devem ser consideradas e valorizadas. E deve ser o percurso feito, a evolução de A para B que deve ser equacionada, mais do que a imposição de metas uniformes e estandardizadas para todos. Diria, em tese, o seguinte: o professor deve exigir o máximo que o aluno pode “dar”, em determinada circunstância e tempo. Por outras palavras: o professor deve situar o seu grau de exigência no que Vigotsky designa de *zona de desenvolvimento proximal*<sup>8</sup>, isto é, não exigir nem de mais nem de menos.

### **O Programa, o Professor e os Alunos**

No triângulo pedagógico (Nóvoa: 1995) constituído pelo Programa-Professor-Aluno, o papel do professor não é *dar o programa, resumir a matéria*. O papel do professor é fazer aprender o aluno no máximo dos seus talentos. Será, pois, desejável rever o paradigma da acção educativa e colocá-la ao serviço das aprendizagens. Isto não pode significar eleger o “menino-rei” e subordinar a acção didáctica aos seus “caprichos”. Significa dizer que sem discência não há docência. Que sem aprendizagem não há ensino. Dizer que se um professor dá um programa todo e os alunos

<sup>8</sup> Conferir <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/11.pdf>

nada aprendem falhou claramente a sua missão, mesmo que a responsabilidade possa não ser sua. Por isso, o programa tem de estar ao serviço do aprender dos alunos. E o professor tem de ser o organizador de situações de aprendizagem.

#### **Clima de aula “exigente e liberto”**

Os climas de sala de aula são variáveis muito importante de um *modelo didáctico eficaz*. Se os alunos estão alheados, se há *ruído de fundo*, conversações laterais, desatenção sistemática a comunicação torna-se difícil ou impossível, o trabalho torna-se difícil e a aprendizagem muito variável. Em termos ideais, é desejável um clima exigente mas não constrangedor, rigoroso mas permitindo a respiração da autonomia e responsabilidade. A actividade e o movimento (do levantar, do sentar, do reunir, do ir procurar informação), são eixos importantes de um clima gerador de aprendizagens.

#### **Recurso a *portefólio de recursos***

Mais do que um *manual*, o professor deve adoptar um *portefólio de recursos* que ele próprio organiza a partir de todas as possibilidades que tem ao seu alcance. Os diversos manuais, a internet (links para sites de informação e experiências de aprendizagem), os recursos autonomamente produzidos ou pela equipa educativa ... são preciosos recursos ao serviço de um modelo didáctico eficaz.

#### **Recurso à *tutoria intra turma***

A aula é um espaço de interacção e entreaajuda. Em diversas circunstâncias, os alunos podem trabalhar em pares, em cooperação ou em ajuda. Em diversas situações observadas, um aluno que sabia resolver bem um exercício (ou que tinha concluído a tarefa, o projecto, o desafio....), durante alguns minutos, foi ajudar uma aluna em dificuldade... . Esta orientação por parte de alunos é um recurso importante não apenas para quem dá, mas quem recebe. Porque competências de escuta, de partilha, de comunicação, de ajuda, de humanidade.

### **Recurso a actividades plurais em simultaneidade**

A sala de aula pode (deve) ser um palco em que estão em curso diversas actividades em simultâneo, seja em grupos ou pares, seja mesmo em registo de exposição para o grande grupo – numa aula observada, a professora e um aluno resolviam no quadro exercícios diferentes...

### **Registo em grelha específica das actividades realizadas**

A observação (formativa) do trabalho realizado com recurso a grelhas de registo é uma actividade importante para documentar os percursos dos alunos. As anotações podem incidir sobre o trabalho em sala de aula e sobre o TPC. Pode haver também o recurso à auto-anotação do próprio aluno.

### **Participação activa de todos os alunos**

Numa dinâmica de aula em que ninguém fica à margem, todos participam mais ou menos activamente. Nenhum aluno fica de lado ou de parte; nenhum tem oportunidade de se entediar.... Os alunos implicam-se, desafiam-se, estabelecem novas fronteiras para a sua aprendizagem...<sup>9</sup>.

### **O recurso e o treino sistemático da memória**

A criação de oportunidades de recorrer e exercitar a memória é uma estratégia fulcral de um modelo didáctico eficaz pois sem memória não há aprendizagem. Os novos conhecimentos têm de se alicerçar em experiências, vivências, *pré-requisitos*. A memória, por outro lado, não é um recurso estático, mas antes dinâmico e expansível. Daí fazer sentido treinar a memória, reter significados, conceitos operatórios, linguagens chave.

### **Avaliação ao serviço da aprendizagem**

Como sabemos, a avaliação cumpre várias finalidades e funções. Resumindo, diremos que são duas as funções maiores: formar/orientar (avaliação formativa) e classificar/seriar (avaliação sumativa<sup>10</sup>). Ambas são necessárias. Mas a avaliação formativa deve ser a principal modalida-

<sup>9</sup> Como ouvi de um aluno: “estou desiludido comigo... quero ter mais...”

<sup>10</sup> Estamos a simplificar. A avaliação sumativa também pode assumir a função formativa e formadora, embora seja esta a função primeira.

de e a prática mais estruturante da aprendizagem dos alunos. Porque é a que pode fazer aprender mais se o aluno perceber os erros e compreender os caminhos da superação. Daí que este uso, esta prática de assinalar o que pode ser melhorado, sugerir os meios e as fontes de melhoria dos trabalhos realizados sejam algo de muito recomendável se queremos colocar a acção didáctica ao serviço do desenvolvimento dos alunos.

Um modelo didático com estas características é uma prática muito exigente. É compreensível que este esforço produza melhores resultados embora se admita algum defraudamento de expectativas quando os esforços docentes não têm uma correspondência nas aprendizagens dos alunos. Não há, contudo, alternativas, se queremos fazer o máximo que nos for possível.

Mas, pelos motivos expostos, o modelo didático em acção tem de produzir os seus frutos. Evita o tédio e a indisciplina. E permite afirmar que este é um dos caminhos essenciais que é preciso trilhar e divulgar se queremos aprendizagens reais nas nossas escolas.

#### **Referências Bibliográficas**

Fino, Carlos (2001). Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa de Educação*, Vol 14, n.º2, <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/11.pdf>, consulta de 22 de Maio de 2010

Fermosinho, João (1988). Organizar a escola para o sucesso escolar. *Medidas que Promovam o Sucesso Educativo*. Lisboa: Ministério da Educação

Nóvoa, António (1995). O passado e o presente dos professores. *Profissão professor*. 2 Porto: Porto Editora

Pires, Eurico Lemos (2000). *Nos Meandros do Labirinto Escolar*. Oeiras: Celta

Zander, Rosamund e Zander, Benjamin (2001). *A Arte da Possibilidade*. São Paulo: Campus

#### **Webgrafia**

<http://terrear.blogspot.com/2010/05/roteiro-para-ensinar-quem-nao-quer.html>

<http://terrear.blogspot.com/2010/04/o-professor-como-treinador-e-avaliacao.html>

<http://terrear.blogspot.com/2010/03/arte-e-bioquimica-do-ver.html>

<http://terrear.blogspot.com/search/label/ensino>

<http://terrear.blogspot.com/search/label/aprendizagem>

— |

| —

— |

| —